APENAS A SAIDEIRA

Me lembro, haaaa como me lembro

De quando bebia, e bebia muito

Quando eu bebia com os amigos

Bons amigos. Eram?

Então falava de mim, do meu intimo

Mas quem queria ouvir... a madrugada, a noite

A escuridão ou a solidão?

Os amigos de sempre

Estavam todos nas mesas ao redor

Por todos os lados até o dinheiro aparecer

Mais um copo, apenas mais um copo

Um copo apenas de cerveja

E mais um... as horas passam... se vão...

A galope

Apenas a solidão, a escuridão

Apenas as companheiras de sempre

E lá tão perto, mesas vazias

Espíritos a espreita nas noites de verão

Tão curtas e tão longas

O copo estava vazio

A galope mais um trago

Apenas um trago

Nada de mais, apenas um trago

Quem nos ama?

Quem nos ama?

Quem nos ama?

Tudo se foi, se apagou

Desapareceram todos os amigos

Claro, tudo acabou

Vago agora sozinho

Bebo sozinho

Bebo com minhas memórias

Onde eles estão?

Se foram

Para longe ou para perto?

Mais um copo apenas

A saideira

Só mais uma.

Esta quente, não basta

Tem que estar gelada, sentir nos dedos

Tem que estar no ponto.

Sozinho

Vou tomar mais uma

Apenas mais uma

Sozinho vou para casa

Para onde, qual o rumo

Norte, sul...

Todos se foram...

(mas já disse isto)

Não ligue, bêbado é assim.

Não ligue, muitas coisas já disse

Mas vou lembrar

Apenas mais uma, a saideira

Tudo se foi

Universidade, trabalho

Amor e dinheiro

Agora estou só

Vou tomar apenas mais uma

B

Vou para casa

Mas que casa

Para onde fica... eu não sei

Eu não tenho

Vou pagar e ir embora

Para algum lugar

Um lugar que me acolha

Mas como pagar

Não tenho dinheiro

Acabou... assim como os amigos.

A solidão minha companheira

A noite minha cama

E a cerveja meu alimento

Uma briga ao lado

Dois brutamontes discutindo

Talvez por alguma vagabunda

Uma vagabunda sem beleza

Uma vagabunda qualquer

Dois animais idiotas

B

Murros... e garrafas quebradas

Facas voavam e as mesas vazias

Cheiro de sangue no ar

Idiotas se matando

Apenas por uma vagabunda

Ou uma bebida... uma bebida

Mesas voaram, cadeiras quebraram

E o seu João ficou apavorado

A vagabunda ainda olhava a confusão

Seu João com seu amuleto da sorte

Soltou dois tiros para cima

Em vão

As bestas não escutavam nada

A raiva dominava seus corpos

E o frenesi da violência estava solto

A policia passou duas vezes

Por duas vezes foi embora

“deixem que resolvam” dizia

Então o valentão de tatuagem no braço

Esfaqueou o outro

E também o seu João

Tomou a vagabunda pelos braços

Subiu em seu moderno veiculo e “vazaram”

“vazaram” para uma noitada

O esfaqueado e o seu João

Moribundos no chão

Fecharam vagarosamente os olhos

A noite então tinha acabado

Para todos... a cerveja esquentava

Tudo havia parado

O tempo já não importava

Estendidos sobre a poça de sangue

Jaziam aqueles seres

Estava na hora de ir para casa

Mas qual casa

A casa de meus sonhos

A casa de meus sonhos

No final daquela avenida

A avenida escura.

Mas não há remorso

Todos possuem o que procuram

Este é o destino

Estamos todos felizes com nossas escolhas

Até mesmo a vagabunda

Com seu valentão de tatuagem.

A noite me abraçou

Um longo abraço

Um abraço sem dó.

Walter Veroneze

27.02.2012